

Sentidos e contradições do trabalho de mulheres artesãs na economia solidária: estudo de caso de uma feira em Viçosa, Minas Gerais, Brasil

Bianca Aparecida Lima Costa y Maria Amália Stroppa Moreira

Otra Economía, vol. 12, n. 22:133-152, julio-diciembre 2019. ISSN 1851-4715

Sentidos e contradições do trabalho de mulheres artesãs na economia solidária: estudo de caso de uma feira em Viçosa, Minas Gerais, Brasil¹

Sentidos y contradicciones del trabajo de mujeres artesanas en la economía solidaria: estudio de caso de un mercado en Viçosa, Minas Gerais, Brasil

Meanings and contradictions of the women artisans work in the solidarity economy: a case study of a solidarity economy fair in Viçosa, Minas Gerais, Brazil

Bianca Aparecida Lima Costa*

biancaitcpufv@gmail.com

Maria Amália Stroppa Moreira**

amaliastroppa@gmail.com

Resumo: Esse artigo tem como objetivo apresentar os resultados de uma pesquisa sobre os sentidos do trabalho artesanal para mulheres artesãs que comercializam suas produções na Feira de Economia Solidária e Agricultura Familiar – Quintal Solidário, em Viçosa, Minas Gerais, Brasil. Aqui, expomos uma análise a partir do olhar de quinze mulheres artesãs, com idades entre vinte e sete e oitenta anos. Abordamos teoricamente o trabalho artesanal contemporâneo realizado predominantemente por mulheres e o trabalho associado no âmbito da economia solidária, buscando refletir sobre os sentidos e contradições dessa ocupação para as mulheres. Como metodologia, utilizou-se a abordagem qualitativa, por meio de entrevistas dialógicas e a técnica Café do Mundo (uma metodologia participativa de promoção do diálogo em torno de uma temática pré-definida). Sobre os resultados, a pesquisa identificou que para essas mulheres o trabalho artesanal se traduz em vários sentidos para suas vidas, como autonomia, saúde e autoestima e, por outro lado, também enfrenta invisibilidade e desvalorização.

¹ Esse artigo foi realizado a partir do Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura em Educação do Campo de Maria Amália Stroppa Moreira, que teve como título “Entre linhas e agulhas: costurando a percepção da mulher artesã sobre seu trabalho”. É importante ressaltar que umas das principais motivações para a escolha desse tema por uma das autoras deste trabalho consiste em sua trajetória como artesã. Segundo suas palavras, “Linhas e agulhas me ajudaram, e ainda ajudam, a costurar a vida. Ora de forma objetiva, complementando a renda e, por vários momentos, como atividade principal; ora de forma subjetiva, inspirando, acalmando, desfrutando do prazer que as linhas e agulhas me trazem. Sonhos, medos e anseios são tecidos enquanto trabalho. Com as agulhas faço uma costura que está além das linhas, afinal, o que é viver, senão, tecer a grande colcha da existência, escolhendo as cores, paisagens e caminhos, desmanchando, de vez em quando, um pedaço que não saiu como planejado, tecendo novamente outros tantos, com cores mais claras ou com cores mais vivas, trazendo novamente brilho para a vida”.

* Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Brasil.

** Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Brasil.

Este es un artículo de acceso abierto, bajo una Licencia Creative Commons Atribución-NoComercial-CompartirIgual 4.0 Internacional, siendo permitida su reproducción y adaptación dando crédito a su/s autor/es de manera adecuada, sin propósitos comerciales, y dando la misma licencia que la original en caso de distribución.

Palavras-chave: artesanato feminino, divisão sexual do trabalho, economia solidária.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo presentar los resultados de una investigación acerca de los sentidos del trabajo artesanal para mujeres artesanas que comercializan sus productos en la Feria de Economía Solidaria y de la Agricultura Familiar - Quintal Solidario, en Viçosa, Minas Gerais, Brasil. Aquí, exponemos un análisis desde la mirada de quince mujeres artesanas, con edades entre veintisiete y ochenta años. Abordamos teóricamente el trabajo artesanal contemporáneo realizado predominantemente por mujeres y el trabajo asociado en el ámbito de la economía solidaria, buscando reflexionar acerca de los sentidos y contradicciones de esa ocupación para las mujeres. Como metodología, se utilizó el abordaje cualitativo, a través de entrevistas dialógicas y la técnica Café del Mundo (una metodología participativa de promoción del diálogo en torno a una temática predefinida). En cuanto a los resultados, la investigación identificó que para esas mujeres el trabajo artesanal se traduce en varios sentidos para sus vidas, como autonomía, salud y autoestima y, por otro lado, también enfrenta la invisibilidad y la devaluación.

Palabras clave: artesanía femenina, división sexual del trabajo, economía solidaria.

Abstract: This article aims to present the results of a survey on the meanings of artisanal work for women artisans who commercialize their products at the Solidarity Economy and Family Agriculture Fair - Quintal Solidário, in Viçosa, Minas Gerais, Brazil. Here we present an analysis from the look of fifteen women artisans, aged between twenty-seven and eighty years. We approach theoretically the contemporary artisanal work carried out predominantly by women and the associated work in the ambit of the solidarity economy, seeking to reflect on the meanings and contradictions of this occupation for these women. The qualitative approach was used as methodology, through dialogic interviews and the “Café do Mundo” technique (a participatory methodology that promotes dialogue around a pre-defined theme). Regarding the results, the research identified that for these women, artisanal work has several meanings for their lives, such as autonomy, health and self-esteem, and, on the other hand, also faces invisibility and devaluation.

Key words: women's crafts, sexual division of labor, solidarity economy.

Introdução

Muitas mulheres no Brasil encontram no artesanato uma fonte de renda, socialização e lazer. Trata-se de uma atividade diversificada que abrange variadas classes sociais e, muitas vezes, é caracterizada como “feminina”. Um número expressivo de empreendimentos econômicos coletivos, organizados e liderados por trabalhadoras, compõe o movimento de economia solidária em todo o país. Diferente de outras iniciativas econômicas, esse conjunto de experiências ainda é pouco estudado, o que reforça não só a invisibilidade desse trabalho como também a desvalorização de seus sentidos, suas contradições e ambiguidades.

Nesse sentido, este artigo parte da perspectiva da predominância das mulheres nas atividades artesanais de geração de renda e da sua importância nos contextos da economia solidária, especialmente, em espaços de comercialização, como as feiras. Buscamos refletir quais os sentidos essas experiências possibilitam, relacionando o artesanato e a organização coletiva de mulheres. Dessa forma, o objetivo principal foi analisar os sentidos do trabalho artesanal para mulheres que desenvolvem esta atividade e comercializam seus produtos na Feira de Economia Solidária e Agricultura Familiar – Quintal Solidário,² que acontece semanalmente em Viçosa, Minas Gerais,

² A Feira de Economia Solidária e Agricultura Familiar – Quintal Solidária é um projeto de extensão com objetivo de valorizar e promover produtos e serviços de empreendimentos econômicos solidários e agricultoras/es familiares a fim de promover geração de trabalho e renda, integração entre produtores(as) e consumidores(as). Busca-se fortalecer relações solidárias, o consumo consciente e a produção sustentável. É um espaço de comercialização, troca e de formação em temas como consumo consciente, agroecologia, segurança alimentar e sustentabilidade, promovendo o comércio justo e solidário. A feira é uma iniciativa da Seção

Brasil, desde setembro de 2016.

As principais questões norteadoras da pesquisa foram: quem são as mulheres artesãs que participam do Quintal Solidário? Como elas aprenderam a fazer artesanato? Como trabalham e organizam seu trabalho? Quais os sentidos desse trabalho para elas tanto do ponto de vista individual como em nível coletivo a partir da inserção nos empreendimentos econômicos solidários?

O artigo está organizado em quatro seções que se seguem. A primeira compreende a fundamentação teórica deste trabalho em que se busca apresentar uma discussão sobre economia solidária, mulheres e artesanato. Em seguida, serão expostos os procedimentos metodológicos da pesquisa que teve como essência dialogar com as artesãs sobre seu ofício. Na terceira parte, apresentaremos resultados e discussões a partir dos dados de campo e, por fim, breves considerações finais.

Economia solidária, mulheres e artesanato

Embora existam diferentes abordagens sobre economia solidária, na América Latina, o foco principal do debate está centrado na perspectiva de superação de formas desiguais de produção e distribuição de riquezas características do capitalismo hegemônico e neoliberal (SANTOS; RODRÍGUEZ, 2002 apud COSTA, 2013). De acordo com Coraggio (2007), mesmo não havendo um consenso, é possível reconhecer a mudança social como o ponto em comum dessas principais concepções do continente.

Nesse campo, são englobadas formas microeconômicas de economias organizadas por trabalhadores e trabalhadoras que se associam para produzir ou comprar coletivamente, seja para prover trabalho e renda, melhorar o poder de negociação, acessar crédito ou mesmo para uso de bens comunitários que melhorem condições ou meios de vida (Coraggio, 2007).

Para Guérin (2005), muitas experiências de economia solidária são animadas por mulheres, tanto no Norte como no Sul e essas podem ser oportunidades para se avançar na equidade de gênero. As iniciativas econômicas partem de interesses coletivos e solidários que ressignificam a lógica econômica predominantemente vinculada ao lucro. Tais práticas podem representar o alívio do cotidiano das mulheres que as animam, ao facilitar o acesso às atividades geradoras de renda. Trata-se de um movimento multiforme e heterogêneo em que o objetivo econômico é acompanhado por objetivos sociais que produzem vínculos sociais e de proximidade. Além disso, são espaços de debate e diálogo que precedem a ação econômica e a acompanham.

Corroborando essa visão, Henrich (2016) ressalta que as correntes latino-americanas consideram a economia solidária como um modo de organizar a vida econômica, social e política de uma sociedade. A valorização do ser humano e das relações democráticas em todas as esferas da economia são centrais assim como o enfoque em princípios de solidariedade, cooperação e justiça social.

Nesse sentido, a autora afirma que ao criticar a economia vigente, propondo mudanças, a perspectiva da economia solidária se aproxima das discussões da economia feminista:

Em relação aos seus fundamentos conceituais, a economia feminista e a economia solidária constituem uma crítica aos supostos da economia neoclássica dominante, ambas criticam a esta economia por sua restrição ao mercado autoregulador como único princípio organizador das atividades econômicas. Ao explicitar a relevância do princípio de subsistência nos processos econômicos, também ambas perspectivas põem em manifesto o arranjo social da economia nas instituições familiares e domésticas, as que são governadas por princípios que transcendem a mera

Sindical dos Docentes da Universidade Federal de Viçosa (ASPUV) em parceria com o programa de extensão Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal de Viçosa (ITCP-UFV) e iniciou suas edições em junho de 2016.

lógica utilitária inerente ao mecanismo do mercado que invoca sua expansão a toda a produção, capacidade humana, a natureza e as relações sociais, incluídos os afetos, o cuidado ou a cultura. Também compartilham o princípio de qualidade como objetivo político de suas lutas. (Henrich, 2016, p. 98) (tradução nossa).³

No entanto, embora essas aproximações sejam claras, de acordo com Hillenkamp, Guérin e Verschuur (2016), os estudos sobre economia solidária se interessam pouco pelas perspectivas de gênero e teorias feministas. O fato de as experiências serem lideradas e movidas majoritariamente por mulheres, tanto no norte como no sul, não representa automaticamente o rompimento com a desigualdade de gênero. Para as autoras, cabe investigar se “as mulheres encontram na economia solidária um caminho para a emancipação ou se a solidariedade entre mulheres, muitas vezes pobres, acaba reproduzindo os mecanismos da sua própria exploração” (p.1).

No Brasil, o avanço da economia solidária materializa-se no crescente debate acerca do tema e também no aumento das políticas de incentivo a consolidação de experiências autogestionárias. No âmbito dessas iniciativas, a atividade artesanal é muito significativa e a presença de mulheres nesses espaços também.

De acordo com dados do Sistema Nacional de Informações em Economia Solidária (Sies), do período de 2009 a 2013, o artesanato correspondia à 22,7% do total de empreendimentos econômicos solidários mapeados. Ou seja, a segunda atividade econômica com maior relevância identificada, ficando atrás somente do segmento de agricultura familiar com 52,6%.

Em pesquisa recente,⁴ sobre a organização do Fórum Regional de Economia Popular Solidária⁵ da Zona da Mata de Minas Gerais, no período de 2015 a 2017, verificou-se que 75% das participantes das reuniões do movimento eram mulheres, majoritariamente vinculadas ao segmento de artesanato. Parte significativa das participantes desenvolvia suas atividades de forma individual em seu próprio domicílio e se organizava coletivamente para acesso a comercialização. A inserção no Fórum representava uma forma de incidência social em prol de políticas públicas para um segmento duplamente invisibilizado que tem como locus do trabalho o espaço privado e, como protagonista, as mulheres.

Poucos trabalhos também aprofundam suas análises sobre a atividade artesanal. É importante destacar que o artesanato está presente na vida de homens e de mulheres na produção de objetos de uso para sobrevivência e para ornamentos desde o princípio da humanidade (BARBOSA e D'ÁVILA, 2014). Esse trabalho se transformou ao longo da modernidade e, nos dias atuais, não há, na literatura, um consenso sobre seu significado, já que é possível analisá-lo a partir de diferentes ângulos como,

³ “En cuanto a sus fundamentos conceptuales, la economía feminista y la economía solidaria constituyen una crítica a los supuestos de la economía neoclásica dominante; ambas critican esta economía por su restricción al mercado autoregulado como único principio organizador de las actividades económicas. Al explicitar la relevancia del principio de subsistencia en los procesos económicos, también ambas perspectivas ponen de manifiesto el arraigo social de la economía en las instituciones familiares y domésticas, las que son gobernadas por principios que trascienden la mera lógica utilitaria inherente al mecanismo del mercado que invoca su expansión a toda producción, capacidad humana, a la naturaleza y las relaciones sociales, incluidos los afectos, el cuidado o la cultura. También comparten el principio de equidad como objetivo político de sus luchas”.

⁴ Pesquisa intitulada “O papel do movimento social na construção de políticas públicas locais: a experiência do Fórum Regional de Economia Solidária na Zona da Mata Mineira”, financiada pela FAPEMIG sob a coordenação da professora Bianca A. Lima Costa.

⁵ O Fórum Regional de Economia Popular Solidária da Zona da Mata de Minas Gerais - FREPS-ZMM é um importante espaço de articulação dos trabalhadores e trabalhadoras da Economia Solidária em relação à articulação e mobilização junto ao poder público para o apoio e fomento aos Empreendimentos Econômicos Solidários. O FREPS-ZMM é um dos dez Fóruns Microrregionais do estado de Minas Gerais e abrange hoje cerca de dez cidades da Zona da Mata, como exemplo, Juiz de Fora, Cataguases, Ubá, Leopoldina, Bias Fortes, Belmiro Braga, Lima Duarte, Viçosa, Cajuri, Recreio e Matias Barbosa.

pela sua origem, utilidade, expressão artística, local de produção e etc (BOSSATTO et.al., 2017).

De forma genérica, o artesanato pode ser definido como “toda atividade produtiva que resulte em objetos e artefatos acabados, feitos manualmente ou com a utilização de meios tradicionais ou rudimentares, com habilidade, destreza, qualidade e criatividade” (Conselho Mundial de Artesanato in SEBRAE, 2004, p.21).

No Brasil, numa perspectiva normativa, a profissão de artesão ou artesã é classificada pelo o Ministério do Trabalho a partir da Classificação Brasileira de Ocupações CBO sob o nº 7911, como:

“Os profissionais desta família ocupacional criam e confeccionam produtos artesanais utilizando-se de vários tipos de matérias primas, tais como: fibras, madeira, pedras, sementes e cascas, tecidos, metais, couro, látex dentre outros. Para tanto, utilizam-se de várias técnicas de tratamento, preparação e transformação das matérias primas utilizadas. Finalizam seus produtos de modo que os mesmos retratem a cultura local e identifiquem seu autor. São responsáveis pela comercialização de seus produtos como também do gerenciamento de seus negócios” (Ministério do Trabalho – CBO).⁶

Nesse sentido, entende-se, então, que o artesanato contemporâneo vai representar o trabalho de pessoas que usam suas mãos e criatividade para produzir seu fazer, utilizando técnicas, ferramentas e materiais tradicionais ou modernos. Trata-se, portanto, de uma atividade em que a trabalhadora ou trabalhador, em geral, domina todo o processo de produção e pode expressar características individuais artísticas, assim como sentimentos em que o artefato ao final está relacionado a quem o produziu, a sua cultura ou ao seu sentimento, sob uma mediação estética a partir de técnicas diversas. Por isso, um campo difícil de ser simplificado.

É inegável que o artesanato tem sido uma alternativa para a geração de trabalho e renda para muitas mulheres no Brasil não só no âmbito da economia solidária. O Ministério do Turismo, em 2015, a partir de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estimou que 10 milhões de pessoas no país trabalhavam nessa atividade econômica, sendo 87% do sexo feminino.

A participação das mulheres em atividades vinculadas ao artesanato é carregada de ambiguidades. Por um lado, pode representar uma possibilidade para geração de renda como uma resposta aos programas de reajustamento estrutural em vigor. Conforme ressalta Casimiro (2011), a pressão econômica, a perda de empregos assalariados, onde estes existissem, a carestia da vida, o desmantelamento das políticas sociais, dificultam a manutenção e a reprodução social das famílias. Muitas trabalhadoras encontram nessa atividade, portanto, possibilidades para reprodução material de suas vidas e de suas famílias, reforçando mecanismos de desigualdade.

A atividade artesanal muitas vezes é desempenhada no próprio domicílio, em conciliação com o trabalho doméstico. Esse arranjo pode reforçar não só uma sobrecarga para as mulheres, como também uma dupla invisibilidade de seu trabalho remunerado e não-remunerado.

Além disso, o artesanato pode ser reconhecido como uma atividade “feminina”, aprendido entre gerações, em círculos de mulheres ou em cursos profissionalizantes, sendo vinculado a habilidades manuais e domésticas, “características” das mulheres. Dessa forma, pode ser considerado como “menos qualificado” e ter uma vinculação laboral instável ou precária.

De acordo com Barbosa e D’Ávila (2014), no caso do artesanato a questão da divisão sexual do trabalho se apresenta na característica do ofício, sendo ele ‘feminino’ uma vez que está atrelado a ‘delicadeza’ do fazer minucioso, o princípio da separação, e sendo, muitas vezes, um complemento ao orçamento, o princípio hierárquico.

6

<http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTitulo.jsf;jsessionid=yBsXgmtQe7Fz2bH0rt2Jm6Zt.slave20:mte-cbo>

Ou seja, o trabalho artesanal deve ser problematizado a partir dos debates sobre a divisão sexual do trabalho como pertinente para compreensão das relações entre homens e mulheres. Tal referência atribui tarefas específicas de acordo com o sexo de quem as realiza. Há a separação entre serviços masculinos e femininos e a incidência de valores, econômicos e subjetivos, sobre as atividades. Nesse caso, o trabalho das mulheres vale menos que o trabalho dos homens. Essa hierarquia afirma a opressão masculina e busca legitimar papéis sociais sexuados. A visibilidade dessa desigualdade tem por objetivo revelar que tais realidades são resultados de construções sociais e, por isso, passíveis de mudanças (HIRATA e KERGOAT, 2003; KERGOAT, 2003).

Nobre (2015) ressalta que, muitas vezes, as mulheres se organizam coletivamente para realizarem justamente as atividades aprendidas na socialização de gênero, como processamento de alimentos, costura e artesanato. Muitas vezes, tais iniciativas são as únicas oportunidades de capacitação disponíveis para elas. Por isso, essa ambiguidade está presente na economia solidária.

Por outro lado, a organização coletiva de mulheres no âmbito da economia solidária e sua articulação em diferentes movimentos sociais também podem promover a visibilidade desse trabalho e processos importantes às mulheres, como apresentado por Guérin (2005). Esses espaços também representam possibilidades de socialização e reflexão em variados sentidos. Conforme ressalta Cunha (2015), em diferentes partes do mundo mulheres reúnem-se para emanciparem-se juntas na construção do que podemos chamar de “outras economias”.

Para as mulheres, o empreendimento coletivo ao oferecer serviços especiais, que atraem o público, lhes permite praticar a polivalência e a corresponsabilidade. Além disso, criam uma maior visibilidade pública, fazendo com que essas mulheres aumentem sua autoestima (HERSENT, 2012).

Dessa forma, buscamos, nesse artigo, refletir sobre os sentidos e contradições do trabalho no âmbito do artesanato e da economia solidária, tentando compreender as ambiguidades e contradições desse processo, assim como as possíveis potencialidades, especialmente na perspectiva do trabalho associado.

Procedimentos metodológicos

A pesquisa foi realizada com 15 artesãs que participam semanalmente da Feira de Economia Solidária e Agricultura Familiar - Quintal Solidário - Viçosa/MG⁷ e integram 4 empreendimentos econômicos solidários distintos. A abordagem foi qualitativa desenvolvida, combinando procedimentos metodológicos que buscaram promover uma integração e diálogo entre as participantes do projeto a partir do fazer artesanal. Ressaltamos que a realização da pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Viçosa⁷ e foi realizada em duas etapas.

Na primeira etapa, foram realizadas, entre os meses de agosto e setembro de 2018, com média de duração de 30 minutos, 15 entrevistas dialógicas, que segundo La Mendola (2014, p. 346) pode e deve ser caracterizada por certa leveza:

“[...] significa dar vida a encontros caracterizados pelo fato que os agentes – o pesquisador e o outro – se reconheçam com duas pessoas, como um Eu que encontra um Tu. Trata-se de duas pessoas que dão vida a uma relação e não um pesquisador que faz experiências com um objeto”.

O objetivo dessa etapa foi identificar quem são essas mulheres, o que fazem, como fazem e o que as motiva, a partir de um roteiro de questões que conduziu o diálogo. Tratou-se também de uma forma de criar proximidade com essas mulheres, viabilizando assim, a participação das mesmas nas etapas seguintes da pesquisa. Todas entrevistas foram gravadas mediante autorização, transcritas e

⁷ Termo consubstanciado aprovado em 07 de agosto de 2018 - Número do Parecer: 2.803.968.

analisadas.

Na segunda etapa, foi realizada a técnica de grupo focal adaptada à temática da pesquisa. As artesãs foram convidadas, através de convite personalizado, fotos 1 e 2, para um encontro intitulado “Prosa entre linhas e agulhas”.



Imagens 1 e 2: Convites para o encontro. Fonte: Acervo próprio.

Nesse encontro, que aconteceu dia 26 de setembro de 2018, no local onde se realiza a feira, foram utilizadas três ferramentas metodológicas de investigação e reflexão participativas. Para a apresentação, conforme foto número 3, em uma esteira no chão, foram dispostos vários objetos utilizados na confecção de trabalhos artesanais em tecido, como, linha, agulha, tesoura, variedade de tecidos, uma representação da máquina de costura, fitas e etc. Cada participante pegou um objeto a sua escolha e, ao se apresentar, disse seu nome, de onde veio e a importância daquele objeto para si.



Imagem 3: Materiais usados para apresentação das participantes. Fonte: Acervo próprio.

Posteriormente, a metodologia utilizada foi “Mate com Prosa” que segundo Biazote et.al (2017) é:

Uma metodologia participativa de estímulo ao diálogo em grupos, nos quais participantes se dividem e conversam em torno de uma pergunta central. O processo é organizado de forma que as pessoas circulem entre os diversos grupos e conversas, conectando e polinizando as ideias de forma dinâmica e objetiva, possibilitando a emergência de um saber coletivo construído participativamente. É uma metodologia que possibilita a troca, o incentivo à participação de todos, o diálogo em pequenos grupos e o compartilhamento de ideias de forma rápida e dinâmica (Biazote *et al.*, 2017, p.37).

A utilização dessa ferramenta teve como objetivo identificar os sentidos do trabalho artesanal para as trabalhadoras e os desafios intrínsecos à atividade. Para a realização dessa metodologia foram utilizadas 4 mesas com cadeiras, onde as artesãs se dividiram. Foi entregue a cada artesã um pedaço

de tecido cru, para que imprimisse naquele tecido o seu fazer das mãos. Dessa forma, ao mesmo tempo que dialogavam, teciam. Para facilitar, diferente do que ocorre normalmente nessa metodologia, onde os participantes mudam de mesa, optamos pela movimentação das facilitadoras e não das artesãs. Durante o processo, as facilitadoras faziam perguntas, estimulavam o diálogo entre as artesãs e gravavam as impressões por um período de 10 a 15 minutos, em seguida se transferiam para a próxima mesa onde colocavam as impressões das artesãs anteriores e desencadeavam o processo, como registrado nas fotos 4, 5, 6, 7 e 8 abaixo.



Imagens 4, 5, 6, 7 e 8: Processo metodológico “mate com prosa. Fonte: Comunicação/ASPUV.

Para que fizessem suas obras, foram disponibilizadas em duas outras mesas, foto 9, tecidos e linhas coloridas, tesoura, agulhas, alfinetes, fitas, botões, sinhaninhas, renda e vários outros materiais para que o espaço tivesse como mediação do diálogo a criatividade e o saber de cada participante.



Imagem 9: Diálogo e criatividade. Fonte: Comunicação ASPUV.

Ao final do diálogo em mesas, foi realizado um círculo de cultura e o encerramento do encontro. Loureiro e Franco (2012, p. 23) ressaltam que “atividades desenvolvidas no Círculo de Cultura são momentos de encontro entre a vivência prática e a teoria [...] [onde] a intenção se materializa na concretização da teoria em vida, no existir-se”.

A pergunta geradora para esse círculo de cultura foi: O que o trabalho artesanal trouxe para você? Essas palavras escritas pelas artesãs, foto 10, foram utilizadas como fio condutor das análises

realizadas na pesquisa.



Imagem 10: Círculo de Cultura. Fonte: Acervo próprio.

Para a organização e análise dos dados, nos baseamos no método “análise de conteúdo” (BARDIN, 2009). Este método foi utilizado como uma ferramenta para a compreensão da construção dos sentidos que as mulheres exteriorizam em seus discursos. A análise de conteúdo, como argumentam Laville e Dionne (1999), não segue etapas rígidas e predeterminadas, mas uma reconstrução simultânea de um conteúdo com as percepções do pesquisador com vias possíveis e nem sempre balizadas. Sob esta perspectiva, estes autores assinalam que “a análise de conteúdo consiste em demonstrar a estrutura e os elementos desse conteúdo para esclarecer suas diferentes características e extrair sua significação” (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 214).

É importante destacar que num terceiro momento, realizado no dia 12 de dezembro de 2018, os resultados da pesquisa foram apresentados às artesãs em um encontro final de 1 hora para devolução e validação dos resultados alcançados. Sobre devolver os resultados a quem nos dedicou tempo e nos permitiu entrar em suas próprias vidas, La Mendola (2014) diz:

É um modo de honrar aquela confiança que construímos juntos. [...] Esses tipos de encontros não têm tanto, ou não apenas, um efeito de validação dos resultados. Não se trata de eleger as pessoas do ethnos como juízes da nossa operação. Trata-se de levá-los em consideração, de verdade, como interlocutores do processo de conhecimento (LA MENDOLA, 2014, p.333).

A apresentação foi realizada numa grande colcha de retalhos, foto 11, que depois ficou exposta na feira, dando visibilidade ao trabalho e reflexões das artesãs.



Imagem 11: Apresentação do trabalho. Fonte: Acervo próprio.

O artesanato para as mulheres: trajetórias, sentidos e encontros

Um aspecto importante a ser ressaltado quando nos referimos a economia solidária compreende sua diversidade e heterogeneidade. A partir da pesquisa, foi possível verificar que as organizações de mulheres artesãs são múltiplas e os motivos para criação dessas iniciativas são diversos. Por isso, as mulheres dessa pesquisa têm diferentes trajetórias, idades, escolaridade, classe e raça. O que se apresenta em comum é o trabalho no artesanato, e seus diferentes sentidos, a inserção na economia solidária e as vivências no espaço da feira.

Nesse sentido, é fundamental apresentar as características dos empreendimentos dos quais elas fazem parte. Das quinze artesãs entrevistadas, 9 fazem parte da Associação de Artesanato em Patchwork, fundada em 2000, com um total de 12 participantes, todas mulheres. O empreendimento é informal, tem uma sede e é composto majoritariamente por mulheres aposentadas, que desenvolvem atividades de produção e ensino de artesanato. Em geral, têm o trabalho artesanal como uma fonte de lazer e de socialização, em que a renda não é o primordial.

Outras duas artesãs fazem parte do grupo, também informal, denominado Samaritacas, criado em 2016, contando com 6 mulheres no total. Esse empreendimento é apoiado por uma entidade religiosa que realizou cursos com as trabalhadoras e apoia e incentiva a produção artesanal com intuito de geração de renda e inclusão social. Essas mulheres são mais jovens, tem mais dificuldades em suas trajetórias ocupacionais e o artesanato é a fonte principal de renda delas, em geral, complementando o orçamento familiar. Essas artesãs produzem em um espaço coletivo e individualmente em suas casas e se revezam na venda dos produtos na feira. O empreendimento apresenta um viés de geração de renda, em que as mulheres mais jovens, em situação de vulnerabilidade social, são incentivadas ou apoiadas por uma instituição externa para, por meio da auto-organização, terem acesso a recursos materiais para suas famílias.

Três artesãs fazem parte da Associação de Artesãos de Viçosa – ADAV, que é um grupo formal. O empreendimento foi constituído inicialmente na década de 1990, com o nome de Associação dos Produtores de Alimentos Caseiros e artesanato da Região de Viçosa – ADAPAC. Em 2013, sob a direção de outros membros, essa associação mudou seu nome passando a chamar ADAV, sendo reorganizada contabilmente em 2018. Tem como objetivo coletivo o acesso aos espaços de comercialização e, atualmente, tem 18 associados, sendo 16 mulheres e 02 homens. O empreendimento não tem sede própria e a produção é individual, com características bem distintas entre os tipos de artesanato desenvolvido por cada artesã. Em geral, essas trabalhadoras também tem o artesanato como fonte

principal ou completar de renda.

Por fim, uma artesã faz parte do grupo informal Semeart – Grupo de produção Solidária, que, atualmente, tem 4 mulheres participando assiduamente. O empreendimento tem uma característica bem distinta dos demais, pois trata-se de uma iniciativa criada a partir de um Serviço de Saúde Mental - Semente,⁸ em que se buscava a promoção da inclusão social de pacientes crônicos por meio da organização para geração de renda. Inicialmente foi implantada em 2005 uma oficina de criatividade e, a partir de 2006, as peças produzidas pelos pacientes eram expostas e comercializadas em eventos de forma esporádica. Em 2014, o grupo iniciou um processo de maior consolidação, com uma parceria, a partir de 2016, entre Semente e a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP-UFV), dando origem, em 2017, ao Grupo Semeart. A iniciativa é apoiada por uma equipe multidisciplinar e produz coletivamente diferentes tipos de artesanatos, revezando-se também nas atividades de venda.

Nesse contexto, as mulheres que participaram da pesquisa têm idades entre 27 a 80 anos, sendo 9 com mais de 60 anos e 10 aposentadas. Dessas, 5 têm ensino superior completo, 7 ensino médio, 2 ensino fundamental e 1 não informou a escolaridade. Do total de artesãs, 12 mulheres têm entre 1 a 7 filhos, sendo 8 mulheres casadas, seguida de 4 solteiras e 3 viúvas. A maioria, 14 artesãs, mora na cidade de Viçosa e apenas uma reside num município vizinho, Cajuri, conforme quadro a seguir.

Quando perguntadas sobre o fazer artesanal, ao qual se dedicam atualmente, é interessante destacar que das quinze artesãs, onze fazem algum tipo de trabalho artesanal desde crianças. Esse aprendizado ocorreu no âmbito familiar ou nas relações de vizinhança e amizade. Posteriormente, muitas relataram terem realizado cursos em diferentes espaços.

Nome iniciais	Idade	Estado civil	Filhos	Escolaridade	Renda principal
MAS	48 anos	Casada	Não tem	Ensino superior	Aposentadoria
AA	27anos	Solteira	Não tem	Ensino superior	Artesanato
TMLM	45 anos	Solteira	2 filhos	Ensino médio	Artesanato
TAA	27 anos	Solteira	1 filho	Não declarou	Artesanato
LRCN	27 anos	União Estável	4 filhos	Ens. Fundamental	Artesanato
MGFB	67 anos	Casada	3 filhos	Ensino médio	Aposentadoria
TLSM	80 anos	Viúva	7 filhos	Ens. Fundamental	Aposentadoria
MLLF	55 anos	Solteira	Não tem	Ensino Superior	Aposentadoria
TMSJ	74 anos	Viúva	4 filhos	Ens. Fundamental	Aposentadoria
DCMP	75 anos	Viúva	4 filhos	Ensino Superior	Aposentadoria
MMC	76 anos	Casada	4 filhos	Ensino Médio	Aposentadoria
EJC	60 anos	Casada	7 filhos	Ensino Médio	Artesanato
ADCFB	67 anos	Casada	2 filhas	Ensino Médio	Aposentadoria
EMVAF	65 anos	Casada	3 filhos	Ensino Superior	Aposentadoria
BMC	69 anos	Casada	3 filhos	Ensino Médio	Aposentadoria

[...] comecei a tecer tricô com uns 7 pra 8 anos. Aprendi com uma senhora, vizinha de casa que toda vez que voltava da escola ela estava tecendo tricô a mão. (EJC, 60 anos).

Eu produzo artesanato desde pequena. Eu tinha uns 8 ou 9 anos mais ou menos, e ao invés de ir para a rua eu ia para a casa de uma vizinha, que aí a gente ficava fazendo artesanato lá. Aí eu fazia, nessa época, quando eu era pequena, no ensino fundamental eu já fiz toalha pros outros, já vendi toalha e tudo. (A.A. 27 anos).

Desde pequena! Aprendi a fazer crochê desde os 7 anos. Minha avó que me ensinou! Eu fazia e quando terminava o rolo de linha, ela desmanchava e me fazia começar tudo de novo, era pra me

⁸ O Semente – Serviço de Atenção à Saúde Mental, instituído pelo Instituto UFV de Seguridade Social (Agros) desde 2004 tem por objetivo cuidar de paciente com transtornos psiquiátricos crônicos severos e acompanhamento de seus familiares, contribuindo assim para a estabilização psicossocial de seus integrantes.

manter ocupada. Aprendi o básico de costura com a minha mãe. (EMVAF, 65 anos).

Desde 6 anos eu faço crochê, eu faço ponto cruz, eu faço tricô, eu costuro. Eu faço de tudo um pouco. Desde criança eu via minhas tias fazer, eu ficava atrás até aprender. Só de olhar, aprendi muita coisa só de olhar! (TISM, 80 anos).

Como lá no Nordeste eles gostam muito de fazer rede e cobertor de tear, então eu sei fazer de tudo. Meu pai ensinou, porque minha mãe morreu. Ele dizia: Você tem que aprender, porque não sabe se vai casar com um homem rico ou com um pobre. Tem que aprender para ter seu dinheiro. (BMC, 69 anos).

Eu fiz um curso na Igreja de Fátima de corte e costura, aí o curso terminou e resolvi fazer o curso patchwork. (MLLF, 55 anos).

Mudei de bairro e a minha amiga me chamou para nós irmos a Casa do Caminho,⁹ aí lá eu comecei a ir dia de domingo e aí a Andreia foi e proporcionou para nós fazer aula de artesanato e ter nossa própria renda. (TAS, 27 anos).

O artesanato... tipo, quando eu era criança, frequentava a Casa do Caminho daí depois eles fizeram esse grupo só de mulheres no domingo que aí faz artesanato, qualquer outro tipo de coisa, só que aí depois a mulher da Casa do Caminho, como fala? Coordenadora é... ela separou um grupo pra poder fazer esse artesanato. Antes era um grupo bem maior, agora são só 5. (LRCN, 27 anos).

Diante do exposto, é possível destacar que muitas artesãs aprenderam esse ofício por meio da socialização com outras mulheres (vizinha, tia, avó), desde muito novas. Ou seja, trata-se de um aspecto comum que compunha a formação das “habilidades femininas”, ensinadas e aprendidas por mulheres em espaços domésticos.

Em um caso específico, nos chama a atenção a visão paterna que apostava no trabalho artesanal como possibilidade de renda, caso a mulher não alcançasse um “homem” que pudesse sustentá-la. Tanto a socialização pelo gênero quanto a perspectiva de que essa é uma ocupação feminina reforçam o processo de construção histórica de invisibilidade da mulher e do trabalho artesanal, reforçando a divisão sexual do trabalho, como salientado anteriormente.

O aprendizado, portanto, reproduz papéis sociais de sexo de maneira muito clara, especialmente como uma atividade tradicional de “preparo feminino” para o casamento. A habilidade manual e sua socialização compõem esse campo, reforçando desigualdades de gênero que implicam na conformação do mercado de trabalho e a inferiorização das mulheres.

Por isso, muitas iniciativas de fomento a geração de renda, incluindo projetos sociais e políticas públicas, direcionados às mulheres também reforçam, de alguma maneira, o artesanato como um “trabalho feminino”. Trata-se de experiências que, em grande parte, também tem como animadoras e instrutoras mulheres.

Outro fator importante, nesse caso, é o local de trabalho e sua dinâmica. Entre as entrevistadas, o artesanato é produzido majoritariamente no próprio domicílio, em articulação com as atividades de cuidado e domésticas que permanecem sob a responsabilidade feminina. Isso significa um trabalho em que a dedicação de tempo é variada e, em geral, parcial. Na visão de parte das envolvidas na pesquisa, desenvolver a atividade em casa e sem um tempo rígido de trabalho representam aspectos positivos como autonomia, independência e liberdade, questões importantes para a criatividade e a inovação do trabalho. Por outro lado, significa também um grande desafio porque é uma tarefa a ser realizada quando “sobra um tempo”, depois da dedicação aos trabalhos de cuidado.

⁹ A Casa de Promoção e Caminho Bezerra de Menezes é uma instituição espírita que presta serviço social relevante em Viçosa. Aos sábados, oferece trabalho social e de evangelização a crianças, das 8 às 13 horas. Aos domingos, o público assistido são mulheres, que participaram de oficina de artesanato e grupos de autoajuda. Fonte: <http://www.folhadamata.com.br>

Eu produzo em casa. Dedico de 3 a 4 horas por dia, às vezes, fico o dia todo [...] tô pensando assim... o que é que eu vou trazer de diferente, o que eu posso tá trabalhando, entendeu? Você não fica estagnado em só uma coisa não. Outra coisa boa é que você faz assim... sem stress, sem preocupação... e vai só acumulando aprendizado. (MAS, 48 anos).

Eu produzo em casa mesmo e quanto a dedicação eu não sei te dizer [...] depende do dia. Tem aquele dia que você pega aquele trabalho e vai o dia inteiro. [...] Artesanato vem de dentro, por isso que gosto de diversificar meu trabalho, [...] as vezes eu me pego trabalhando até 3, 4 horas da manhã, porque naquele dia deu vontade, eu tô inspirada [...] o trabalho artesanal dá essa autonomia pra gente. Podemos trabalhar em casa, sem pressão e o horário que quisermos. E é uma delícia isso! (TMLM, 43 anos).

Em casa a gente tem um ambiente saudável pra trabalhar. Ali eu trabalho tranquila! (ADCSC, 67 anos).

Só posso à tarde! Na parte da manhã cuido da casa, arrumo meu menino, mando pra escola e na parte da tarde a gente junta pra poder costurar. [...] Eu vejo um desafio muito grande, porque a mulher tem a casa, os filhos, o marido, e as vezes sobra só um tempinho pra gente fazer o artesanato. (TAS, 27 anos).

Nesse sentido, ao serem indagadas sobre a divisão das tarefas de cuidado e afazeres domésticos no âmbito familiar, todas afirmaram serem as principais responsáveis por esse trabalho diretamente ou delegando-os a outras mulheres, já que há entre artesãs diferentes classes sociais. Fica evidente a persistência das desigualdades e a sobrecarga de trabalho no âmbito reprodutivo. Tal situação não foi questionada por elas, mantendo-se uma perspectiva de naturalização dos cuidados como uma tarefa feminina, subordinada ao ritmo da família, especialmente dos maridos.

Eu cozinho porque meu marido não gosta de comer fora. Ele não ajuda em nada em casa. (ENVAF, 65 anos).

[...] a responsabilidade é minha. Mais ninguém ajuda. Meu marido só usufrui! (MMC, 76 anos).

Só eu sou a responsável pelo trabalho de casa, meu menino ainda é muito pequeno. Tem dia que deixo pra arrumar casa de noite, costuro de dia. (TAS, 27 anos).

Meu marido trabalha, então, o almoço tem que estar pronto na hora certa. (MGFB, 63 anos).

A invisibilidade e inferioridade do trabalho artesanal em relação às “obrigações domésticas” se altera, no caso de algumas mulheres, quando há possibilidade de retorno financeiro, mas não altera a conformação da divisão sexual do trabalho.

A casa, quando tenho encomenda, largo ela pra lá. Fica pra segundo plano, porque quando estou com encomenda, eu pego pra valer! (MGFB, 63 anos).

Entre todas as entrevistadas, portanto, o trabalho artesanal é realizado em conciliação constante e, em certa medida, apresenta-se como secundário, seja porque essas mulheres já desempenharam outras atividades em suas trajetórias laborais, seja por se tratar de uma atividade complementar cuja reprodução material de suas vidas não depende dessa ocupação. De qualquer forma, as tarefas do âmbito reprodutivo estão sob responsabilidade feminina com pouco questionamento.

Por outro lado, a renda advinda do artesanato é um fator importante para as mulheres. Do total de artesãs entrevistadas, treze apresentam como um fator importante do trabalho que desenvolvem, ressaltando aspectos positivos como independência e autonomia.

Pra mim é independência, me ajuda a manter minha independência financeira dos meus pais, pra eu conseguir tocar melhor minha vida aqui em Viçosa. (AA, 27 anos).

O trabalho artesanal é a independência da gente. É uma renda que a gente tem! E é muito gratificante! (ADCSC, 67 anos).

O trabalho artesanal mudou muita coisa na minha vida, é uma coisa muito boa, é uma fonte de renda. (TAS, 27 anos).

[...] é um dinheiro extra que acaba ajudando. (MAS, 48 anos).

[...] me traz a boa parte do meu sustento. (EJC, 60 anos)..

[...] a renda dá uma autonomia financeira, eu acho que isso também ajuda a mulher. (BMC, 69 anos).

Como podemos observar, a renda viabiliza uma perspectiva de autonomia para parte das mulheres. Nesse sentido, para algumas, a renda se estabelece como uma estratégia para minimizar dificuldades e superar problemas pertinentes ao regime econômico vigente. Trata-se de uma oportunidade de trabalho em que os benefícios monetários são da própria artesã, com valores, muitas vezes não alcançados em empregos formais precarizados.

Para além da renda, é interessante ressaltar que ao serem indagadas sobre os sentidos do trabalho artesanal, ampliam-se os significados dessa atividade na vida dessas mulheres, vinculados à realização pessoal e promoção da saúde. No geral, elas afirmaram se sentirem realizadas com o que fazem.

Dialogando com D'Avila (1983), esse trabalho realizado pelas artesãs viabiliza reavivar valores como habilidades individuais, subjetividades, criatividade, liberdade, autonomia, beleza que se contrapõem aos processos industriais que massificam e robotizam as pessoas. Por terem o domínio integral do processo, serem as donas do seu saber, partilham o que sabem, o que fazem, por vontade e não por pressão. Isso resulta na realização pessoal, fato ressaltado por muitas delas.

É prazer! Na hora que estou fazendo artesanato eu esqueço de tudo! É um trabalho que só me dá prazer e melhor, na minha casa. (MAS, 48 anos).

Vida... é tudo pra mim. Eu dedico a maior parte da minha vida a ele. Ele é o que me dá vida! É muito importante! (EJC, 60 anos).

Pra mim é amor! Eu adoro fazer o que eu faço! (LRCN, 27 anos).

Eu tenho orgulho do que faço, me realizo. (BMC, 69 anos).

E quando você termina de fazer alguma coisa, você olha e fica assim... Será que foi eu que fiz? (DCMC, 75 anos).

Pra mim é tudo de bom! Então eu gosto muito! É o meu prazer maior! (TLSM, 80 anos)

Pra mim significa vida, por que no trabalho artesanal você cria, transmite seu interior. (EMVAF, 65 anos).

Ele empodera a gente! Às vezes vou pra casa de algum filho e eles falam: fica mãe, você não tem nada que fazer! Eu digo: Vocês que pensam!!! Eu tenho o meu trabalho, eu tenho encomendas pra entregar. É isso que penso, eu tenho o meu objetivo na vida! E ter objetivo dá autoestima, empodera! (TMSJ, 74 anos).

O trabalho artesanal tem um sentido importante para as mulheres porque, de alguma forma, elas se reconhecem no que é realizado. Ao mesmo tempo, esse sentimento traduz em certa medida uma romantização dessa atividade que podemos relacionar aos sentimentos muito presentes também na realização de atividades domésticas de cuidados consideradas “femininas”, ou seja, frutos do amor pela família e etc. Tais fenômenos são analisados como formas de opressão e dominação patriarcal, na medida que atribuem características “naturais” a processos sociais de invisibilidade e sobrecarga das mulheres.

Embora elas reconheçam que se trata de um trabalho pouco valorizado, o ofício está no campo do lazer que, em alguns casos, dá sentido a vida dessas trabalhadoras e promove a saúde, especialmente

mental. Das quinze mulheres, sete relataram a importância desse trabalho como espaço de terapia, de cura, de tranquilidade.

O trabalho artesanal pra mim é saúde! Eu faço tratamento psiquiátrico, então meu médico disse que é bom eu estar sempre criando. [...] trabalhando com o artesanato minha cabeça fica muito boa. (MGFB, 63 anos).

Esse trabalho aqui [em grupo] me livrou da depressão. (TMSJ, 74 anos).

Ele me tira a ansiedade, me relaxa. (ADCSC, 67 anos).

O trabalho artesanal me deixa mais tranquila, ou seja, é uma terapia. (EMVAF, 65 anos).

Pra mim, o artesanato é uma calma, muito bom! Às vezes eu tô estressada, tô nervosa, começo a costurar e passa os problemas, fico ali pensando nos pontos e é muito gostoso! Dá uma tranquilidade muito boa pra gente. Mudou minha vida, tô bem mais calma. (TAS, 27 anos).

Pra mim, trabalhar com o artesanato foi um alívio. Eu fazia estágio em uma empresa, eu vivia estressada, eu vivia ansiosa, não conseguia fazer nada direito e depois que eu saí do estágio e me dediquei ao artesanato, me deu um gás maior. (AA, 27 anos).

Na última fala, AA, 27 anos, ficam claras as dificuldades encontradas ao trabalhar sob pressão em espaços, algumas vezes, precarizados vinculados a ideia de produtividade, o que pode causar o adoecimento das trabalhadoras. Na contramão, o trabalho artesanal se apresenta, nas falas das entrevistadas, como um grande aliado da saúde, principalmente em aspectos emocionais. É interessante notar que ao longo da pesquisa várias artesãs citaram a criatividade e o domínio do processo de trabalho como elementos que fortalecem a autoestima e o sentido de pertencimento e valorização social.

Contraditoriamente, porém, para elas, a falta de valorização e reconhecimento do artesanato tanto pela sociedade como em âmbito familiar é um dos maiores problemas enfrentados. Essa desvalorização social e monetária vincula-se a inferioridade atribuída ao trabalho artesanal, considerado como simples, ignorando-se o tempo e os conhecimentos empregados no desenvolvimento dos produtos. Outro ponto importante é a vinculação que se faz com o trabalho feminino, considerado como inferior e, por isso, compreendido como não-trabalho.

Pra mim o maior desafio é a valorização desse trabalho. Eu sou formada em química, então o pessoal fica assim: Nossa, você é formada em química e fica mexendo com artesanato e essas outras coisas. Por que não vai pra indústria? Então pra mim é a valorização, valorizar o que a gente faz, querendo ou não eu trabalho com artesanato desde pequena, bem antes de fazer química. É como eu falo: antes de fazer química eu sou artesã! (AA, 27 anos).

Pra mim é o reconhecimento desse trabalho, as minhas filhas não gostam muito do meu trabalho, não valorizam o que eu faço. (EMVAF, 65 anos).

Primeiro e o desafio maior é a valorização! Na venda dos produtos, a pessoa fala: Nossa, muito caro! Elas comparam o nosso trabalho com o trabalho industrial, mas não percebem o trabalho que dá e o tempo que gasta para fazer. (TMSJ, 74 anos).

Eu acho que o desafio da gente é muito grande, porque muita gente não valoriza o artesanato. Acham que quando a mulher está fazendo alguma coisa de artesanato ela não está fazendo nada! Porque acham que a mulher foi feita pra cuidar da casa, de filho de marido, do serviço da casa mesmo. (ADCSC, 67 anos).

Como é instável financeiramente, muitas vezes, a rede familiar desvaloriza o trabalho da artesã, reforçando a ideia de inferioridade e ambiguidade. Por um lado, possibilita autonomia e, em certa medida, realização e, por outro, é inseguro do ponto de vista monetário e pouco reconhecido

publicamente. Ou seja, as mulheres enxergam nessa atividade uma oportunidade de realização pessoal, de autonomia e acesso a complementação de renda, ao mesmo tempo, permanecem quase intactos os padrões de desigualdade gênero e inferiorização desse trabalho.

No entanto, não podemos deixar de chamar atenção para outro aspecto que nos parece fundamental. O fato de estar fora de uma perspectiva mercantil, em uma estrutura de tempo vinculada à criatividade representa para as mulheres aspectos positivos que são contrapostos à lógica do trabalho assalariado e alienado, característicos das relações capitalistas de produção.

Nesse sentido, o encontro com a economia solidária não pode ser negligenciado nas análises sobre o trabalho das mulheres artesãs investigadas. Mesmo as que produzem individualmente, experienciam a vivência coletiva com outras mulheres. Tais espaços de socialização contribuem para reforçar laços de amizade e solidariedade, importantes no reforço do trabalho. Em grupo, esses elementos são potencializados porque proporcionam a fala, a escuta e a partilha. Ou seja, são oportunidades de diálogo, de resignificação do cotidiano e de acesso aos espaços públicos, mesmo que de forma limitada.

Nos sentamos numa esquina perto da casa da minha amiga e quando tá frio e sai o sol, aí que nós vamos mesmo. É muito bom, só fiando... (TAS, 27 anos).

Ah! Eu acho [...] o grupo, ele agrega. E além da gente conversar, trocar experiências [...] ideias... em tudo, na vida. (MLLF, 55 anos).

É muito importante, você faz novas amizades, adquire novos conhecimentos [...] troca, espaço de troca e enriquecimento. (TLSM, 80 anos).

Eu gosto! Não gosto de ficar sozinha! [...] gosto de conversar. Existe uma troca de vida. Uma chega triste, daí a pouco estamos conversando, logo aquela se alegra, desabafa! (ADCSC, 67 anos)

As vezes, estou triste em casa, aí venho e me alegro. [...] é um tratamento pra mim. Pego energia aqui. (MGFB, 63 anos).

[...] pra mim que vivi muito tempo em casa, é uma abertura enorme. (MMC, 76 anos)

[...] enquanto nós vamos costurando, nós vamos conversando, distraindo, uma entendendo a outra. (TAS, 27 anos).

Dessa forma, mesmo com fato do aspecto econômico ser importante para complemento da renda de algumas dessas mulheres, ele não é o principal motivo para que continuem a produzir de forma coletiva e solidária. Para elas, o enriquecimento maior está no convívio por meio do trabalho. Elas dividem as alegrias, tristezas, trocam experiências, ideias, trocam vida. Se entendem, crescem, aprendem, fazem terapia, cuidam da saúde. Dessa forma, além de produzirem seus artefatos, produzem também outras relações, como amizade, consciência do coletivo e cuidado.

Juntas realizam um trabalho que Sanson (2009) trata de “material e imaterial”. É material, concreto, porque exercem ação direta através de seus esforços físicos, destreza e habilidades. E é imaterial porque criam juntas, adquirem conhecimento, se relacionam, comunicam, cooperam umas com as outras, ou seja, subjetivam seu trabalho.

O fato de estar em coletivo e em espaços da economia solidária contribui também para superar a invisibilidade do trabalho feminino. Na feira, por exemplo, o artesanato realizado por elas é visto e elogiado, o que, em alguma medida, reflete a valorização delas mesmas e ampliação do acesso a renda.

[...] aqui no Quintal é muito bom, porque as pessoas olham o nosso trabalho, às vezes, se a gente não tem, fazem encomenda, então circula a informação. (TLSM, 80 anos).

O Quintal Solidário deu muita visibilidade para o nosso trabalho. (ADCSC, 67 anos).

No centro [Casa do Caminho] vende, mas aqui [no Quintal Solidário] já conseguimos bem mais.

(LRCN, 27 anos).

A gente se sente realizada quando chegam e dizem: Nossa, que lindo isso aqui! (TMSJ, 74 anos)

Sinto um enorme prazer, realizada, com os elogios. (MAS, 48 anos).

Ah! Felicidade, né? Principalmente quando vejo os olhos das pessoas brilhando! Vejo que estou sendo útil para aquela pessoa, estou trazendo coisas boas. (AA, 27 anos).

Quando agrada o outro a gente fica muito satisfeito e aumenta a nossa autoestima. (DCMC, 75 anos).

Sinto muito prazer, me realizo muito, melhora a minha autoestima. (MMC, 76 anos).

Quando eu vejo alguém que chega e elogia, aquilo sobre a autoestima da gente. (ADCSC, 67 anos).

Nossa quando eles falam que está bonito, eu me sinto toda orgulhosa! (MGFB, 63 anos).

Quando a pessoa gosta, me sinto orgulhosa! (DCMC, 75 anos).

A comercialização dos produtos na feira abre essa perspectiva de visibilidade da mulher e de seu trabalho por meio da circulação dos produtos e das trabalhadoras nos espaços públicos. Dessa forma, é importante ressaltar que mesmo com as ambiguidades apresentadas, os espaços coletivos e de economia solidária podem ser oportunidades para as artesãs.

No entanto, não podemos romantizar essas experiências, pois elas representam, contraditoriamente, valorização e desvalorização e visibilidade e invisibilidade. Devemos, portanto, refletir de forma mais aprofundada sobre essas possibilidades de mudança, reconhecendo suas potencialidades, mas também compreendendo os limites dessas iniciativas.

Considerações finais

Costurar a percepção da mulher artesã sobre seu trabalho, buscando compreender os sentidos desse fazer foi principal objetivo desse artigo. Tratou-se de uma experiência caracterizada pela diversidade porque abrangeu mulheres com idades que vão de 27 a 80 anos, com trajetórias de vida bem variadas, integrantes de 4 empreendimentos econômicos solidários.

Algumas tiveram o aprendizado desse ofício, ainda crianças, no âmbito familiar, como forma de socialização de gênero em que o trabalho manual representava mantê-las ocupadas, prepará-las para fazer um bom enxoval e serem “boas esposas”. Há outro grupo, onde o aprendizado se deu por meio do incentivo de vizinhas, de amigas, por observação, ou fazendo cursos. Fatos que reforçam a vinculação do artesanato ao trabalho feminino.

No caso das entrevistadas, o artesanato é predominantemente produzido no próprio domicílio, o que pode ter um sentido de autonomia de horário e liberdade de criação. Entretanto, as mulheres permanecem como únicas responsáveis pelo espaço doméstico, que muitas vezes se sobrepõe ao seu trabalho artesanal, refletindo uma dupla invisibilidade.

O trabalho associado, a convivência em grupo, traz sentidos positivos para essas mulheres, promovendo laços de reciprocidade, autovalorização e o reconhecimento de seu fazer, entre seus pares. Para além, as entrevistadas ressaltaram o artesanato como uma atividade que preserva a saúde, como um ofício que acalma e desestressa.

O entrelaçamento entre artesanato/trabalho e cooperação/economia solidária representa reconhecimento social e possibilidade de saída da invisibilidade que o espaço reprodutivo as coloca. Essas dinâmicas podem gerar mudanças individuais e coletivas e são potencialmente positivas para as artesãs. É possível dar outros sentidos de crescimento pessoal em que a mediação mercantil não é o mais preponderante. Ressignificar seu ofício e visibilizá-lo é uma forma também de resistência.

Para algumas, os elogios e a admiração das pessoas pelo que produzem contribuem para o aumento da autoestima e o sentimento de orgulho. Para outras, estar ali comercializando o seu fazer possibilita construir tanto a própria independência, quanto daqueles que a circundam.

Por outro lado, essas mulheres ressaltaram que um dos maiores desafios é a desvalorização de seu trabalho, refletindo a atribuição de menor valor às atividades femininas. Percebemos também que o fato de o artesanato não viabilizar estabilidade econômica, muitas entrevistadas optaram por esse fazer, depois de terem uma garantia, como a aposentadoria.

Dessa forma, compreendemos que as artesãs contribuem para fortalecer a economia solidária, na medida em que se implicam e de alguma maneira se mobilizam para valorizar o trabalho que realizam. É necessária a articulação com outros segmentos sociais e o espaço da feira possibilita essa troca cotidianamente.

Nesse processo de perguntas dialógicas, encontros e fazeres, as percepções dessas mulheres foram aguçadas, viabilizando descobertas de sentidos e significados que, talvez antes não haviam pensado. Ao dialogarmos, refletimos sobre a importância social, política e econômica do trabalho artesanal e seus sentidos. Criamos intimidade e aprendemos umas com as outras. Entretanto, outros questionamentos surgiram também, o que faz com que esse artesanato (a pesquisa) seja o início de um caminho que merece ser mais aprofundado.

Referencias

Araújo, C., e Scalon, C. (2005). Percepções e atitudes de mulheres e homens sobre a conciliação entre família e trabalho pago no Brasil. Em C. Araújo, C. e C. Scalon, *Gênero, família e trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro, Brasil: FGV.

Barbosa, V. L. e D'Avila, M. I. (2014). Mulheres e artesanato: Um "Ofício Feminino" no povoado de Bichinhos/Prados – MG. *Revista Ártemis*, 17(1), 141-152. Recuperado de: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/18122>

Bardin, L. (2016). *Análise de Conteúdo*. Tradução: Reto, L.A., Pinheiro, A. São Paulo, Brasil: Almedina Brasil.

Biazoti, A., Almeida, N. e Tavares, P. (2017). *Caderno de metodologias: inspirações e experimentações na construção do conhecimento agroecológico*. Viçosa, Brasil: Associação Brasileira de Agroecologia.

Brasil (2015). Lei nº 13.180/2015, Dispõe sobre a profissão de artesão e dá outras providências. Presidência da República. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113180

Bossato, L. R., Silva, D. V. D. C. e Silva, E. A. (2017). Artesanato e sua interface com a Economia Solidária: desafios e reflexões sobre as práticas de incubação. Em B. A. L. Costa, G. Freitas Dourado e M. Gomes Da Silva (Orgs.), *Saberes Construídos na Economia Solidária: Experiências e Vivências da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da UFV*. Viçosa, Brasil: Organização Cooperativa de Agroecologia.

Bruschini, C. (1998). Trabalho Feminino no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação? *Latin American Studies Association*, 19. Recuperado de <http://lasa.international.pitt.edu/LASA98/Bruschini.pdf>

Bruschini, C. (2006). Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não-remunerado?

Revista Brasileira de Estudos da População, 23(2), 331-353.

Bruschini, C. e Lombardi, M. R. (2000). A Bipolaridade do trabalho feminino no Brasil contemporâneo. *Cadernos de Pesquisa*, 110, 67-104. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n110/n110a03.pdf>

Casimiro, M. I. (2011). Empoderamento Econômico da mulher, movimento Associativo e acesso a fundos de desenvolvimento local. Trabalho apresentado no XI congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia. Recuperado de: http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307750976_ARQUIVO_EMPODERAMENTO_ECONOMICODAMULHER.pdf

Coraggio, J. L. (2007). Introducción. Em J. L. Coraggio, *La economía social desde la periferia: contribuciones latinoamericanas*. Buenos Aires, Argentina: Altamira.

Costa, B. L. (2013). Entre Teoria e Prática: a experiência da economia solidária no Brasil a partir de uma abordagem internacional (Tese de Doutorado em Ciências Sociais). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.

Cunha, T. (2015). Women in Power Women: outras economias geradas e lideradas por mulheres no Sul nãoimperial. Recuperado de <https://eg.uc.pt/bitstream/10316/44012/1/Women%20InPower%20Women.pdf>

Fonseca, T. M. G. (2000). Trabalho e subjetividade. *Revista de Ciências Humanas*, 28, 35-49.

Guérin, I. (2005). *As mulheres e a economia solidária*. São Paulo, Brasil: Edições Loyola.

Hersent, M. (2012). Cooperação e autonomia das iniciativas de mulheres. Em I. P. H. Georges e M. P. Leite (Orgs.), *Novas configurações do trabalho e Economia Solidária*. São Paulo, Brasil: Ed. Annablum; Fapesp.

Hillenkamp, I., Guérin, I. e Verschuur, C. (2016). Economie solidaire et théories féministes: pistes pour une convergence nécessaire. *Revista de Economia Solidária da Associação Centro de Estudos da Economia Solidária do Atlântico*, 7, 5-43.

Henrich, I. F. (2016). Economía Feminista Y Economía Solidaria: ¿Alternativa Al Patriarcado? Em C. Puig (Coord.), *Economía Social y Solidaria: conceptos, prácticas y políticas públicas*. Bilbao, Espanha: Editorial.

Hirata, H. e Kergoat, D. (2003). A divisão sexual do trabalho revisitada. Em H. Hirata e M. Maruani (Orgs.), *As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho*. São Paulo, Brasil: Editora Senac.

Hirata, H. (2002). *Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade*. São Paulo, Brasil: Boitempo Editorial.

Hirata, H. (2001/2002). Globalização e divisão sexual do trabalho. *Cadernos Pagu*. 17/18, 139-156.

Kergoat, D. (2003). Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. Em M. Emílio et al (Orgs.), *Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as políticas públicas*. São Paulo, Brasil: Coordenadoria Especial da Mulher.

La Mendola, S. (2014). Dialogicamente. Dar vida a percursos de conhecimento em termos de relações ou de experiência? Em P. Carrano e O. Fávero (Org.), *Narrativas juvenis e Espaços Públicos*. Niterói, Brasil: Editora da UFF.

Laville, C. e Dione, J. (1999). *A construção do Saber. Manual de metodologia em Pesquisa em Ciências Humanas*. Belo Horizonte, Brasil: Ed. UFMG.

Loureiro, C. F. B. E Franco, J. B. (2012). Aspectos Teóricos e Metodológicos do Círculo de Cultura: uma possibilidade pedagógica e dialógica em educação ambiental. *Ambiente & Educação*, 17(1), 11-27.

Sanson, C. (2009). Trabalho e subjetividade: da sociedade industrial à sociedade pós-industrial (Tese de doutorado em Sociologia). Recuperado de https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/24122/VERSAO_FINAL_BANCA.pdf?sequence=1&isAllowed

Santos, B. S. e Rodríguez, C. (2002). Introdução: para ampliar o cânone da produção. Em D. de S. Santos (Org.), *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista*. Rio de Janeiro, Brasil: Civilização Brasileira.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (2013). Pesquisa O artesanato Brasileiro. Brasília, Brasil: SEBRAE. Recuperado de /Site: www.sebrae.com.br

Enviado: 18/05/2019

Aceptado: 11/09/2019

Cómo citar este artículo:

Lima Costa, B. A. y Stroppa Moreira, M. A. (2019). Sentidos e contradições do trabalho de mulheres artesãs na economia solidária: estudo de caso de uma feira em Viçosa, Minas Gerais, Brasil. *Otra Economía*, 12(22), 133-152.